

André gently held her left hand; and tenderly searching for her wedding ring, he said, very startled:

“What the—? You lost your ring? . . .”

I was leaning over the bulwark and took it off my finger. I wasn't thinking . . . It fell into the sea . . .”

André kissed her again:

“Don't worry . . . We'll order another.”

And taking her by the arm, he accompanied her as one might accompany a sick person. The sound of their slow, unsynchronized steps resounded down the metal staircase leading to their cabin.

While Margarida prepared for bed, André went to his parents' quarters to say good night; and not being able to stop thinking about his wife's grief, he could not resist telling them what had happened. Then he quickly undressed, climbed to the berth above Margarida's, and turned off the brighter light.

In the dark, the baron asked:

“Are you already asleep, Angélica?”

“No. I

my's to go before

fin

# Tradução e identidade insular

## A circulação da literatura de autores açorianos e açoriano-descendentes entre os EUA e Portugal

**Dominique Faria**

**Ana Cristina Gil**

(org.)

**e-TRT**

## e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução

ISBN 978-989-53356-1-9

Título: *Tradução e identidade insular. A circulação da literatura de autores açorianos e açoriano-descendentes entre os EUA e Portugal*

Organização e introdução: Dominique Faria e Ana Cristina Gil

Nesta edição, respeita-se a opção ortográfica de cada autor.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

1.ª edição: outubro 2023

DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/61437>

© MOV. *Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mov.translation@gmail.com

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA



fct

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**A** coleção *e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução* visa divulgar, através de pequenos *e-books*, o resultado de uma série de encontros, em formato de mesa-redonda, que desde 2014 têm vindo a ser organizados pelos investigadores do projeto *MOV. Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Um dos objetivos deste projeto, em curso no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem sido o de dar voz e visibilidade aos diversos agentes envolvidos no processo de criação de um texto traduzido (desde tradutores a editores ou revisores). As mesas-redondas *TRT* constituem-se como espaços privilegiados de encontro e diálogo polifónicos para cumprir este objetivo. Através da coleção *e-TRT*, dá-se continuidade e expressão escrita às ideias então discutidas e proporciona-se aos interessados o mesmo prazer que tivemos a ouvi-las e debatê-las. Contraria-se, assim, a suposta invisibilidade dos tradutores e colmata-se a lacuna de testemunhos de tradutores na primeira pessoa.

*Marta Pacheco Pinto*



# ÍNDICE

## **Dominique Faria & Ana Cristina Gil**

*A circulação da literatura de autores açorianos  
e açoriano-descendentes entre os EUA e Portugal.*

*Introdução* 3

Os tradutores e a tradutora 11

Os testemunhos 19

**Diniz Borges** 21

**Francisco Cota Fagundes** 30

**Katharine F. Baker** 42



# A circulação da literatura de autores açorianos e açoriano-descendentes entre os EUA e Portugal

## Introdução

**Dominique Faria**  
**Ana Cristina Gil**

**O**s textos reunidos neste volume resultam de uma mesa-redonda virtual, que decorreu no dia 21 de janeiro de 2022, através da plataforma Zoom, uma atividade inserida no âmbito do projeto de investigação *MOV*.

*Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução* (grupo LOCUS), do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, em colaboração com a Universidade dos Açores. Nela participaram Diniz Borges, Francisco Cota Fagundes e Katharine F. Baker, cujo testemunho foi transmitido por Emanuel Melo.

Diniz Borges nasceu na ilha Terceira, Açores, tendo emigrado para os Estados Unidos da América (EUA) com 10 anos. É professor na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno, onde fundou e dirige o Portuguese Beyond Borders Institute (PBBI). Traduziu *Uma história de amor, Para um retrato dos portugueses da Base das Lajes...* (2020), de Joel Neto, e *Nem sempre a saudade chora* (2020), uma antologia de poesia, tendo também traduzido poemas para a antologia *On a Leaf*

*of Blue* (2003). Co-traduziu *Já não gosto de chocolates* (2006), de Álamo Oliveira, *My Californian Friends* (1999), de Vasco Pereira da Costa, assim como *A presença portuguesa na Califórnia* (2002), de Eduardo A. Mayone Dias. Os seus projetos mais recentes incluem a organização e tradução da antologia bilingue de poesia *Into the Azorean Sea* (2023) e a tradução, para inglês, de *Perguntas & respostas sobre a história dos Açores* (2023), de Luís Mendonça.

Francisco Cota Fagundes nasceu nos Açores, tendo emigrado para os EUA em 1963. É professor catedrático jubilado da Universidade de Massachusetts Amherst, onde lecionou entre 1976 e 2018. Traduziu para inglês *Mau tempo no canal* (em 1944), de Vitorino Nemésio, e *O barão* (em 1964), de Branquinho da Fonseca, e co-traduziu os volumes de poesia *Metamorfoses* (em 1963) e *Arte de música* (em 1968), de Jorge de Sena. Para português, traduziu a sua autobiografia, *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (2000), assim como *The Open Door* (2018), de Laurinda Andrade, e *Never Backward* (1972), de Lawrence Oliver.

Katharine F. Baker é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, embora tenha origens açorianas do lado paterno. Formou-se na Universidade da Califórnia - Berkeley e fez o seu mestrado na Universidade de Maryland - College Park. (Co)traduziu, entre outros, *Já não gosto de chocolates* (2006), de Álamo Oliveira, *Sorriso por dentro da noite* (2004), de Adelaide Freitas, *A presença portuguesa na Califórnia* (2002), de Eduardo Mayone Dias, *My Californian Friends: Poesia* (1999),

de Vasco Pereira da Costa, *Ilha* (2007), de Gabriela Silva, e *Lúcia Noia, menina e moça do coração* (2017), de Álamo de Oliveira. Neste momento está a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* (2010), de Onésimo Almeida, e o romance *Marta de Jesus (a verdadeira)* (2014), de Álamo Oliveira.

Deixamos ao leitor o prazer de descobrir a voz, o percurso detalhado e a obra de cada um dos nossos convidados, ao longo da leitura dos testemunhos e nas suas próprias palavras.

A iniciativa TRT. *Tradutores Refletem sobre Tradução: A tradução de literatura açoriana* visou dar maior visibilidade aos projetos de açorianos e açoriano-descendentes da diáspora norte-americana que tomaram para si a missão de dar a conhecer a cultura do arquipélago além-fronteiras. Por forma a garantir a homogeneidade dos testemunhos, as intervenções foram organizadas no formato pergunta-resposta, que se manteve para a edição agora publicada, embora nem todos os tradutores tenham respondido a todas as questões, pois nem todas se aplicavam à situação específica de cada um deles.

Espera-se, com os seus contributos, abrir mais uma janela para o mundo misterioso e privado do tradutor, como é apanágio das mesas-redondas TRT. No entanto, pretende-se igualmente dar a conhecer as especificidades do trabalho e da realidade destes tradutores em particular, enquanto membros da comunidade de açorianos e descendentes de açorianos nos EUA e enquanto indivíduos com o seu universo

peçoal, as suas idiossincrasias, contrariando assim a tendência da teoria para esquecer que cada tradutor é único.

Publicar traduções de textos de autores açorianos nos EUA ou traduzir as produções das novas gerações de descendentes de açorianos requer um grande investimento pessoal, tanto de tradutores como de editores, e pode ser entendido como uma forma de resistência. Num contexto de globalização, num mundo dominado pelas grandes potências geopolíticas, em que tanto se proclama a importância de valorizar a cultura das minorias, poucos são os que contribuem ativamente para o fazer. Nos EUA, três editoras criadas por açorianos têm este propósito: a Gávea-Brown Publications, a Tagus Press e a Bruma Publications. A quantidade e a qualidade dos projetos de tradução que já vieram a público e dos que estão já anunciados para breve devem-se a esse sentido de missão.

Os testemunhos aqui reunidos não dececionam. O tom apaixonado é talvez o aspeto que mais surpreende, por ser pouco usual neste tipo de textos. A explicação é simples: Diniz Borges, Francisco Cota Fagundes e Katharine F. Baker traduzem, antes de mais, por amor à língua e aos Açores e à comunidade de emigrantes a que pertencem. Traduzir torna-se, neste contexto em particular, uma atividade intimamente ligada à questão identitária. O imigrante vive, como o tradutor, entre duas culturas e duas línguas. Ambos gerem a difícil tarefa de se adaptarem ao novo contexto, neste caso a cultura norte-americana, sem perderem as marcas identitárias da cultura de origem. O ato de tradução é um dos raros

momentos em que as duas componentes identitárias coincidem. Talvez por isso, selecionam tendencialmente os textos que traduzem, e com os quais estabelecem uma relação que descrevem como enamoramento (Diniz Borges), coabitação com o autor (Katharine F. Baker) ou amor (Francisco Cota Fagundes).

Deduz-se dos seus discursos que entendem a tradução como uma adaptação, um reenquadramento, que permite que o texto funcione sem colocar demasiados entraves à compreensão. Traduzir é também seduzir. Tanto mais neste contexto, em que se pretende transmitir um património cultural às novas gerações de descendentes de açorianos que não leem português e afirmar junto de um público anglófono uma cultura que as primeiras gerações de emigrantes açorianos tenderam a silenciar para melhor se adaptarem e integrarem na cultura que os acolheu. O cotejo dos textos de partida e de chegada que produziram mostra que essa postura garante, ainda assim, que a cultura açoriana e até algumas marcas dialetais próprias transpareçam na tradução.

Do discurso destes três tradutores também se depreende um forte sentido de comunidade e a tendência para um trabalho colaborativo. Os tradutores descrevem numa primeira fase o seu trabalho como solitário. Embora os hábitos de trabalho e os recursos sejam variados, a fase inicial da tradução é, para todos, feita a sós, reservando-se o trabalho colaborativo para uma segunda etapa. Amigos, familiares, autores, editores, outros tradutores, todos constituem recursos

indispensáveis ao autoquestionamento do tradutor relativamente ao seu próprio texto, que faz questão de testar, submetendo-o a outros olhares. O processo de tradução é descrito como intenso, “difícil”, “penoso”, por vezes desesperante, paradoxalmente causador de sofrimento e, ao mesmo tempo, fonte de prazer.

São muitos os obstáculos que dificultam que textos de autores de uma região ultraperiférica como os Açores sejam publicados numa língua e num país considerados hipercentrais. É graças ao trabalho e à resiliência de tradutores como os três que acederam a participar nesta mesa-redonda, e a satisfazer a nossa curiosidade, que os leitores de todo o mundo que leem em inglês podem hoje familiarizar-se com textos a que dificilmente teriam acesso sem o trabalho desta comunidade. Refira-se, a título de exemplo, *Stormy Isles: An Azorean Tale* (1998), de Vitorino Nemésio, traduzido por Francisco Cota Fagundes, *Poems in Absentia & Poems from the Island and the World* (2019), de Pedro da Silveira, uma tradução de George Monteiro, *I No Longer Like Chocolates* (2006), de Álamo de Oliveira, traduzido por Diniz Borges e Katharine F. Baker, *Smiling in the Darkness* (2020), de Adelaide Freitas, uma tradução de Katharine F. Baker, *Dark Stones* (1988), de Dias de Melo, traduzido por Gregory McNab, *In America, I Discovered I Was European* (2022), de Natália Correia, traduzido por Katharine F. Baker e Emanuel Melo, ou *Into the Azorean Sea* (2023), uma antologia bilingue com

poemas de 103 poetas dos Açores e da diáspora açoriana, traduzidos por Diniz Borges.

Esta lista, embora não seja exaustiva, mostra bem o potencial impacto destes projetos e o poder que a tradução e os tradutores têm de dar visibilidade, valorizar, construir, afirmar e dignificar uma cultura. ■



# **Os tradutores e a tradutora**





**Diniz Borges**

Tradutor e professor na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno (EUA)

**Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...**

um bloco de notas, uma caneta e um café americano.

**Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?**

Fantasma de dois mundos e várias culturas.

**Que palavra melhor o descreve como leitor?**

Indisciplinado!

**Que palavra melhor o descreve como tradutor?**

Apaixonado!



## **Francisco Cota Fagundes**

Tradutor e professor catedrático jubilado da Universidade de Massachusetts Amherst (EUA)

### **Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...**

Geralmente não traduzo apenas sentado a uma secretária. Quando estou a fazer uma tradução difícil estou num [estado febril](#). Não consigo tirar da mente uma passagem difícil, como conseguir determinado ritmo frásico, que melhor termo conviria. Muitas passagens do romance [*Mau tempo no canal*, de Vitorino Nemésio/*Stormy Isles*] foram traduzidas na cama - naquele estado em que nos deparamos, ao acordar às tantas da madrugada, entre o sono e a vigília, aquele estado que todos conhecemos que é quando sabemos mais do que sabemos, em que as nossas mentes são capazes de atingir o que não alcançam a qualquer outra hora do dia. Por vezes, surgem-me soluções para problemas que me torturam durante dias quando estou a conduzir, quando estou a comer,

quando estou a conversar com a minha mulher, Maria Deolinda. Ficar sentado a uma secretária com todas as comodidades, para mim, é uma receita para a monotonia, a pasmaceira, o sono. Penso que todos os tradutores devem procurar as condições que melhor se ajustem à sua maneira de trabalhar, por mais estranha que esta possa parecer aos demais.

### **Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?**

Traduzir é **negociar**... traduzir é **partilhar**. O ato de tradução é sempre negociar, transacionar. Por vezes, é necessário sacrificar um pouco; mais logo é possível adquirir um pouco. Nem sempre se consegue o significado total do original, por vezes consegue-se um pouco mais. Uma tradução nunca é um equivalente de outra coisa: é uma aproximação. Por vezes, conseguem-se as significações, mas não as conotações. Quando significados e conotações e ritmos e músicas se intersubstituem - o que é raríssimo -, dá-se essa **coisa gloriosa**: o tradutor e o autor encontram-se, fundem-se. Mas isso é raríssimo. Com um bocadinho de **humildade** e muito **esforço**, porém, é possível o tradutor aproximar-se do autor; e, raras vezes, ultrapassá-lo, neste ou naquele pormenor.

### **Que palavra melhor o descreve como leitor?**

**Ávido**, curioso... Quem já não tem **curiosidade** não gosta de ler; quem não gosta de ler não se meta a traduzir. A curiosidade no adulto, por coisas do espírito como a leitura, é

rara. Por isso, os escritores são raros e os bons leitores também. Um tradutor será um escritor não de todo realizado que procura a realização, um [voo alto](#), nas asas de outrem... e que, raras vezes, consegue voos tão altos como quem deseja emular, e, por vezes, consegue voos mais altos ainda, por vezes tão altos, tão altos que se aproxima, como Ícaro, do sol e se queima.

### **Que palavra melhor o descreve como tradutor?**

"[Paciente](#)." Sou capaz de passar meses à procura de um termo. E depois rejeitá-lo, porque, se bem que esse termo satisfaça uma exigência, poderá não satisfazer outra exigência ainda mais importante. E voltamos à [transação](#)...



## **Katharine F. Baker**

Tradutora, reside em Pittsburgh, Pensilvânia (EUA)

### **Quando traduz, nunca dispensa na sua secretária...**

Livros, livros e mais livros! E o rádio.

### **Qual a sua metáfora preferida para falar sobre tradução?**

[Embaixadora](#) entre as culturas.

### **Que palavra melhor a descreve como leitora?**

[Amante](#) de não-ficção, especialmente de textos sobre política e biografias; livros de cozinha; jornais *online*...

### **Que palavra melhor a descreve como tradutora?**

[Tartaruga](#), não [lebre](#).



# **Os testemunhos**



## Diniz Borges

**Q**uem seleciona as obras que traduz? Traduz aquilo que a editora sugere ou escolhe o que pretende traduzir?

Tenho sempre escolhido as traduções, quer na poesia, quer na ficção narrativa. Traduzi poetas contemporâneos açorianos para a antologia *On a Leaf of Blue* (2003), porque queria que tivéssemos na língua inglesa algo que mostrasse a criatividade açoriana, dentro e fora dos ditos cânones. Como não fiz, nem tenciono fazer já meio-aposentado, vida da tradução, só tenho traduzido, e acho que assim continuarei, com o que gosto e, perdoem-me a falta de humildade: o que me apetece. Tenho de estar apaixonado pela obra. Apesar de gostar muito da tradução, acho que é difícil, mesmo quando pensamos que será fácil, e é algo muito trabalhoso, diria mesmo: penoso. Daí que só me dedique à tradução quando estou enamorado com o poema, com o texto.

---

*“Apesar de gostar muito da tradução, acho que é difícil, mesmo quando pensamos que será fácil, e é algo muito trabalhoso, diria mesmo: penoso.”*

---

## **A** s suas origens açorianas desempenham um papel importante na sua decisão de traduzir e na sua relação com as duas línguas de trabalho - a portuguesa e a inglesa?

Ter nascido e vivido nos Açores até aos 10 anos, e ter sempre vivido com uma forte ligação às nossas comunidades, à nossa diáspora, foram e são elementos fulcrais na tradução que faço. A língua portuguesa foi a minha primeira língua e a língua, por motivos do meu envolvimento na comunicação social de língua portuguesa na Califórnia, que sempre utilizei com regularidade, mesmo antes de a ensinar em cursos de língua portuguesa como língua estrangeira no ensino americano. Porém, a minha formação académica foi, obviamente, toda nos EUA. Sinto-me à vontade com as duas línguas e culturas, apesar de isso ser perigoso, porque pode provocar desleixos. Praticamente todas as minhas traduções se relacionam com as minhas origens açorianas, e com o meu desejo de ver a nossa diáspora, particularmente as terceiras, quartas e sucessivas gerações, que são totalmente americanas, conhecedoras da nossa riqueza literária e através delas chegarmos a outras etnias e outras culturas, porque o seu mundo é o americano. Apesar de me sentir bem com as duas e de ser leitor nas duas línguas, prefiro traduzir de português para inglês. E na realidade não sei bem porquê.

## **O**s leitores da literatura de autores açorianos traduzida em inglês são essencialmente luso-descendentes? É para esse leitor que traduz?

Apesar de uma grande percentagem, talvez a maioria, dos leitores de literatura açoriana serem descendentes de açorianos residentes nos Estados Unidos, Canadá e Bermudas, que não compreendem português, pelo menos não leem em português, acredito que a riqueza da literatura açoriana deverá ir bastante mais longe e penetrar o multiculturalismo destes países. Quando traduzo, faço-o essencialmente para um leitor de língua inglesa, independentemente da sua identidade étnica.

---

*“Praticamente todas as minhas traduções se relacionam com as minhas origens açorianas, e com o meu desejo de ver a nossa diáspora, particularmente as terceiras, quartas e sucessivas gerações, que são totalmente americanas, conhecedoras da nossa riqueza literária e através delas chegarmos a outras etnias e outras culturas, porque o seu mundo é o americano.”*

---

## **Q**uais as principais dificuldades que se enfrenta ao traduzir literatura açoriana para um leitor anglófono/ americano?

Na realidade há muitas dificuldades, particularmente quando entramos em coloquialismos e regionalismos, desconhecidos do leitor norte-americano. Para mim, a grande dificuldade reside em transmitir o lirismo e as nuances da cultura da região. É um constante desafio. Como vivo nos Estados Unidos desde os 10 anos de idade, e o meu mundo tem estado sempre rodeado de América por todos os lados, tento interiorizar a visão dos meus amigos que não são de origem portuguesa, de origem açoriana. Por vezes peço a alguns que leiam uma passagem. Quando traduzi com Katharine Baker o romance *Já não gosto de chocolates* (2006), de Álamo Oliveira, foi muito interessante ver a reação da Katharine que, apesar de ser de origem açoriana, não teve contacto com as suas origens até muito mais tarde na vida, e é, obviamente, americana. Essa experiência ensinou-me a enfrentar a realidade de que há frases que não podem ser traduzidas, mas sim reinterpretadas aos olhos da cultura e da língua para a qual se está a traduzir. Tenho visto, até pelos meus alunos, que o leitor americano com raízes na América Latina, desde o México à Argentina, tem uma outra perceção da literatura açoriana e, talvez por algumas semelhanças culturais, identifica-se muito mais com ela do que o anglófono.

**Q**ual o papel da colaboração - com o autor, com outros tradutores, colegas, amigos, familiares, editores - nas suas atividades de tradução até agora?

Acho muito importante ter vários revisores, se bem que nem sempre isso tem acontecido. Tento sempre recorrer a leitores luso-americanos com raízes nos Açores, alguns colegas no ensino. Quando comecei a traduzir poesia recorri, inúmeras vezes, ao talento e conhecimento de George Monteiro, que conheci através do meu amigo Onésimo Almeida, e que muito me ajudou, assim como o próprio Onésimo. Também gosto muito de ler obras que conheço em português, traduzidas para inglês. Tenho tentado ler tudo o que tem sido traduzido, particularmente nas últimas décadas, de literatura de língua portuguesa, particularmente de Portugal e dos PALOP. Ler no original e ler as traduções ajuda-me tremendamente a ter uma espécie de diálogo constante com a tradução.

**S**e já traduziu em colaboração com outros tradutores, pode falar-nos um pouco do processo de tradução a várias mãos? Como dividiram as tarefas, como comunicaram entre si, etc.?

Essencialmente a única parceria que tenho tido foi e é com Katharine Baker. Temos tido vários processos. Com o livro *Já não gosto de chocolates*, de Álamo Oliveira, traduzi na íntegra

uma primeira versão, e a Katherine e eu trabalhámos numa revisão total. Outros foram precisamente ao contrário e noutros ainda houve divisão. Comunicámos por *e-mail*, telefone, e com o *Já não gosto de chocolates* ela esteve em minha casa durante uma semana. Trabalhávamos em conjunto durante quatro a cinco horas por dia. Há que haver um processo para que a parceria resulte. As traduções em parceria são excelentes, porque nos dão várias visões e tornam as revisões mais eficientes. Porém, há sempre que ter em consideração os estilos, os conhecimentos, as formas de se trabalhar, que são diferentes. Acho que isso só enriquece a tradução.

**P**ode falar-nos um pouco das condições em que traduz? Habitualmente tem prazos a cumprir, imposições editoriais a ter em consideração? Tem hábitos pessoais específicos quando se dedica à tradução (partes do dia preferidas, espaços onde gosta de trabalhar, materiais e recursos indispensáveis...)?

O único prazo que tive foi com o projeto do livro sobre a Base das Lajes com Joel Neto. De resto, tenho trabalhado consoante o tempo que tenho e que me resta, depois das obrigações profissionais, quer nas aulas, quer agora com o Portuguese Beyond Borders Institute, na Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno. Gostei de ter um calendário

específico quando trabalhei a tradução do livro do Joel. Foi muito gostoso e uma experiência muito interessante trabalhar a obra aos capítulos, sem conhecer o desfecho. Com exceção de alguns projetos de literatura infantil que traduzi com prazos, o resto tem sido ao sabor do tempo. As editoras com quem trabalho não me têm impingido imposições. Escolho os projetos que quero e tento conjugá-los com o tempo de que sei que disponho.

Traduzo no meu gabinete em casa, normalmente com um pouco de música (*jazz* ou *clássica*) muito suave. Gosto de traduzir de manhã, com uns bons copos de café americano, e traduzo muito aos fins de semana. Normalmente não traduzo depois do almoço. Utilizo dicionários eletrónicos e um velho dicionário de sinónimos e antónimos que me foi oferecido há mais de 40 anos. Se tenho dúvidas, particularmente na revisão, faço pesquisa na internet. Apesar de usar o computador para tudo, tenho o hábito antiquado e talvez esquisito de ter sempre um bloco de notas e caneta para escrever dúvidas. Se as coisas não estão a correr bem, tenho este hábito estranho de parar e retomar o livro traduzido quando a ler. Também tenho um pequeno cartaz que fiz e que está junto do computador com esta frase em inglês de Jorge Luís Borges, a qual releio quando entro em desespero com uma tradução, o que acontece frequentemente: "The original is unfaithful to the translation."

---

*“Também tenho um pequeno cartaz que fiz e que está junto do computador com esta frase em inglês de Jorge Luís Borges, a qual releio quando entro em desespero com uma tradução, o que acontece frequentemente: ‘The original is unfaithful to the translation.’”*

---

**S e teve experiência na tradução em português de literatura de açorianos e açoriano-descendentes escrita originalmente em inglês, pode indicar algumas das especificidades deste tipo de tradução?**

A minha experiência na tradução de autores açor-descendentes de inglês para português é recente, apesar de ser leitor da literatura açor-americana há muitos anos. As experiências têm sido mais na poesia. Tenho traduzido vários poetas, mas gostava de ir mais além. Há uma amálgama de criadores literários, particularmente nas novas gerações, que precisam de ser conhecidos no mundo português, particularmente nos Açores. Há uns meses, quando o instituto que dirijo lançou uma comunidade de escritores americanos e canadianos com raízes nos Açores, o *Colóquio Cagarro*, o excelente jovem músico açoriano Cristóvam, que foi nosso convidado para interpretar alguns dos seus originais, depois de ouvir a leitura de alguns poetas americanos com raízes nos Açores, disse: “Vocês têm a certeza de que não são de cá? É que os temas que tratam na vossa poesia são mesmo açorianos.” Na realidade, há uma forte ligação e há uma narrativa que

continua muito para além da geração emigrante e primeira geração. É impressionante como a *açorianidade*, se bem que pintada com outras nuances e outras tonalidades, está presente nestas vozes. Acho que somos mais região e a literatura açoriana é mais rica com elas. São bons poetas, bons escritores e misturam um tom de *açorianidade* no seu americanismo. Contribuem imenso para a presença açoriana na criatividade do multiculturalismo americano e canadiano. É imperativo que sejam conhecidos nos Açores e no mundo da língua portuguesa. ■

## Francisco Cota Fagundes

**Q**uem seleciona as obras que traduz? Traduz aquilo que a editora sugere ou escolhe o que pretende traduzir?

Com uma exceção (*Mau tempo no canal*), eu seleciono as obras que traduzo. Não traduziria nunca uma obra de que não gosto. E aceitei traduzir *Mau tempo no canal* porque, a par de *Os Maias*, de Eça de Queirós, e de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é um dos meus romances prediletos da língua portuguesa.

**A**s suas origens açorianas desempenham um papel importante na sua decisão de traduzir e na sua relação com as duas línguas de trabalho - a portuguesa e a inglesa?

No caso da tradução de *Mau tempo no canal*, a minha identidade açoriana não poderia deixar de ter, quase por definição, uma importância muito grande. Na medida em que tento ser eu totalmente em qualquer coisa que faço, e na medida em que o meu "eu" é em grande parte formado de *açorianidade e açorianismo*, tudo o que eu faço não pode deixar de acusar quem sou... Nem saberia o que seria deixar

de ser açoriano, pelo menos em grande parte, pois isso implicaria deixar de ser eu... Será possível deixarmos de ser nós mesmos, até mesmo no palco?

---

*“Na medida em que tento ser eu totalmente em qualquer coisa que faço, e na medida em que o meu “eu” é em grande parte formado de açorianidade e açorianismo, tudo o que eu faço não pode deixar de acusar quem sou...”*

---

## **O** s leitores da literatura de autores açorianos traduzida em inglês são essencialmente luso-descendentes? É para esse leitor que traduz?

Do português para o inglês traduzi *Stormy Isles: An Azorean Tale* (tradução de *Mau tempo no canal*, de Vitorino Nemésio), *The Baron* (*O Barão*, de Branquinho da Fonseca), *Genesis*, uma antologia de contos juvenis de Jorge de Sena, e textos avulsos de vários escritores, incluindo Agustina Bessa-Luís, Teresa Marques Gastão, etc. E traduzi, no género poesia, um volume de poemas cabo-verdianos e cotraduzi, com James Houlihan, dois volumes de poesia de Jorge de Sena: *Metamorphoses* (1963), um volume de poemas inspirado sobretudo por obras de arte visual - incluindo pintura, escultura e arquitetura -, e *Art of Music* (1968), um volume de poemas inspirado sobretudo por obras de música clássica - de Dowland, Bach e Handel a Erik Satie, Bartók, Schoenberg, passando pelos

românticos Schubert, Berlioz, Chopin, Wagner, Smetana, Tchaikovsky, etc., etc.

A experiência de 50 anos de docência e estudo de língua e literatura portuguesa em universidades americanas tem-me ensinado muito sobre esta questão. Dependendo das épocas a que nos referimos, lecionamos língua e literatura portuguesa para gente lusófila, sem dúvida, sejam eles amantes de Portugal, do Brasil, da nossa língua, da nossa literatura. A partir dos anos 80, no entanto, começam as nossas/minhas aulas a lotar-se, cada vez mais, com luso-americanos, incluindo açoriano-americanos, até que estes acabam por constituir no mínimo 50 % do meu público. Depois vieram, também na década de 80 e a seguir, brasileiros, que engrossaram as minhas aulas. Uma brasileira fez a sua tese de doutoramento comigo. Os portugueses e seus descendentes são hoje, nos EUA e Canadá, muito mais de um milhão e meio (não incluo neste número brasileiros ou cabo-verdianos).

Portanto, para responder diretamente à pergunta, quem são os leitores que tenho em mente quando traduzo do português para o inglês e, mais especificamente, quando traduzo obras da literatura açoriana para o inglês: todos nós, tanto escritores como tradutores, queremos ser lidos, não haja dúvida. O leitor que me vem à mente primeiro quando traduzo é sempre o luso-americano que já não domina bem, ou nunca dominou bem, o português, mas que deseja conhecer algo da literatura do seu país ancestral. Em segundo lugar, penso nas pessoas que considero lusófilas, ou amantes

e respeitadoras da nossa língua e cultura. Esses indivíduos não serão muito numerosos, mas existem... tenho-os tido como alunos, colegas, amigos, escritores, inclusive americanos que foram residir para Portugal... e não raro visitantes de Portugal e do Brasil, turistas, etc., que adquirem um livro e, além da sua leitura, desejam ainda dialogar com o autor e tradutor para esclarecer um ponto ou outro. Lembro-me, por exemplo, de um senhor escandinavo que visitou os Açores, comprou um exemplar da minha tradução de *Mau tempo no canal* e tinha uma série de perguntas a fazer-me sobre as minhas experiências açorianas como indivíduo... e sobre as *realidades* representadas, transmutadamente, como não poderia deixar de ser, pelo romancista. Não posso acrescentar mais pormenores, porque, infelizmente, nem guardei a mensagem. No caso de Jorge de Sena, um dos maiores escritores portugueses de sempre, esperei que as minhas cotraduções da sua poesia pudessem interessar um público geral amante da grande literatura, da relação interartes, etc. Acredito, além do mais, que há sempre um chinelo velho para um pé doente... todo o livro meritório acaba por encontrar o seu leitor. É preciso ser-se otimista para se escrever livros e traduzir livros.

Por último, suponho que, tanto escritores como tradutores, apostamos na possibilidade de que alguém mais, não necessariamente de origem portuguesa ou de qualquer outro país lusófono, mas sim um indivíduo qualquer de língua inglesa, ou nem de língua inglesa mas que conheça o inglês e

seja pessoa humanista, curiosa, nos descubra e se interesse por nós - embora apenas durante o tempo de ler um livro - como eu me tenho interessado por exemplos de literatura afro-americana, indígena-americana, sino-americana, nipo-americana, coreano-americana, etc.

---

*“O leitor que me vem à mente primeiro quando traduzo é sempre o luso-americano que já não domina bem, ou nunca dominou bem, o português, mas que deseja conhecer algo da literatura do seu país ancestral.”*

---

**Q**uais as principais dificuldades que se enfrenta ao traduzir literatura açoriana para um leitor anglófono/americano?

A tradução da poesia apresenta sempre dificuldades únicas. Ao ponto de, apesar de ter feito toda a minha instrução formal em universidades americanas e de lecionar em universidades americanas de há cerca de 50 anos, e de o inglês ser a minha língua quotidiana de há 58 anos a esta parte, eu só me ter atrevido uma vez a fazer traduções de poesia sem a colaboração de outro tradutor. Tratava-se de poemas sociais cabo-verdianos que não apresentavam dificuldades técnicas de maior. No caso da poesia de Jorge de Sena, porém, sobretudo os dois livros que cotraduzi, e que apresentavam numerosos problemas técnicos, não só poéticos, mas devido

ao facto de serem poemas sobre artes visuais e sobre música clássica - a mais técnica de todas as artes -, eu nunca me teria atrevido a fazer a tradução só por mim, embora a iniciativa e primeira tradução tivessem sido minhas. Não se trata apenas de uma questão lexical. Trata-se de *produzir um poema, com poesia, em tradução* - e não um "poema" sem poesia, com palavras ainda a cheirar a dicionário, uma *natureza morta* pintada a dicionário. Falo apenas de mim - não me oponho a que os demais traduzam o que quiserem, quando quiserem. Só leio traduções quando não posso ler os originais, ou quando me pedem e eu aceito opinar sobre uma tradução.

No que respeita a *Stormy Isles: An Azorean Tale*, a única obra grande da literatura açoriana que traduzi para inglês, esse romance, como já várias vezes referi em público, apresentou muitas dificuldades que exigiram decisões enquadráveis na tradutologia - como será fácil de imaginar para quem conheça a obra: problemas lexicais, pois evocam-se muitas atividades humanas obsoletas (lavoura, pesca, serviços), as várias "linguagens" do narrador - desde os falares de analfabetos (lavradores, pescadores, baleeiros com o seu vocabulário eivado de anglicismos...) - e a linguagem intensamente descritiva, técnica e poética do narrador. E depois, cruz do tradutor, os diálogos entre personagens de várias escalas sociais... que é preciso traduzir como linguagem viva e não como *naturezas mortas* feitas de dicionário... e boa vontade. Também houve decisões a fazer com respeito ao heterolinguismo no romance. Nemésio utiliza seis línguas no

romance, além do português: latim eclesiástico, inglês, francês, alemão, holandês e castelhano. Quando traduzir? Quando não o fazer para permitir a presença do exotismo linguístico no romance? Tudo isto são questões que pertencem à tradutologia.

---

*“Trata-se de produzir um poema, com poesia, em tradução – e não um “poema” sem poesia, com palavras ainda a cheirar a dicionário, uma natureza morta pintada a dicionário.”*

---

**Q**ual o papel da colaboração - com o autor, com outros tradutores, colegas, amigos, familiares, editores - nas suas atividades de tradução até agora?

O meu conselho aos estudantes é: dê tudo o que escrever, se puder, a um amigo, para que ele ou ela leia e opine. Não há ninguém que não cometa erros, não há ninguém cujo trabalho não seja suscetível de melhoramento. Por muito perito que seja na matéria, é apenas humano. Todos dizemos e fazemos disparates. Eu nunca deixei de dar as minhas traduções a amigos, colegas, e até a desconhecidos, a quem paguei para me as lerem. E nunca me senti empequenecido por isso. Sempre agradeci a esses indivíduos publicamente em textos paratextuais. É preferível admitirmos que não sabemos, ou que não sabemos tudo, do que dizer e fazer

coisas imperfeitas e tristes se estas são evitáveis. Só um vaidoso e idiota deixa de recorrer aos demais, pensando que assim salvaguarda o seu prestígio. Comportemo-nos todos como adultos. Demos um exemplo aos nossos alunos. O professor não é o que sabe tudo (ninguém sabe tudo...), mas, pelo contrário, aquele ou aquela que sabe que não sabe tudo e tem a coragem de o admitir.

**P**ode falar-nos um pouco das condições em que traduz? Habitualmente tem prazos a cumprir, imposições editoriais a ter em consideração? Tem hábitos pessoais específicos quando se dedica à tradução (partes do dia preferidas, espaços onde gosta de trabalhar, materiais e recursos indispensáveis...)?

Todo o trabalho que é superexigente - e eu coloco a tradução muito perto do topo das coisas mais difíceis que alguém faz - merece e deve ser feito nas horas do dia que nos são mais férteis. Há pessoas que são mais produtivas à noite. Há outras que só escrevem em silêncio. Outras ainda que preferem sentir atividade humana à sua volta... Eu só posso fazer trabalho intelectual nas horas que medeiam entre o pequeno-almoço e o almoço e, por vezes, um pouco mais; em silêncio ou com gente à minha volta, é-me totalmente indiferente. À tarde, começo a esmorecer; à noitinha desfaleço; a altas horas da noite, nem sou metade daquilo que, em situação ótima, me

sinto capacitado a fazer. Se infringir estas regras, a qualidade do meu trabalho sofre. E anos mais tarde, ao rever esse trabalho que terei feito a horas mortas, eu serei capaz de identificar aquela porção feita a más horas e aquela parte feita durante as minhas horas mais convenientes ou vivas. Assim, não remoo contra a maré – aceito-me como sou e tento não proceder nunca como quem não sou. Suponho que todos nós sabemos quando somos capazes de dar o melhor de nós. É esse o momento de traduzir.

Nunca traduzi, nem traduziria, com prazos. Traduzo porque quero, quando quero. E não aceitaria traduzir de outro modo. Não me considero tradutor. Sou um *scholar* de literatura portuguesa contemporânea. Traduzir é, para mim, apenas *hobby*. Mas mantenho-me o mais atualizado possível em teoria da tradução, que acho absolutamente essencial para qualquer tradutor, não porque ajude a traduzir passagens difíceis, mas porque, para se ter uma ideia do que é, culturalmente falando, a tradução, e até para se falar de tradução sem incorrer em disparates, é preciso ter conhecimentos profundos da teoria de tradução.

---

***“Uma última coisa quereria que ficasse aqui registada: traduzi as obras que traduzi por amor, unicamente por amor. Não traduziria nunca uma obra de que não gostasse.”***

---

## **S**e teve experiência na tradução em português de literatura de açorianos e açoriano-descendentes escrita originalmente em inglês, pode indicar algumas das especificidades deste tipo de tradução?

Traduzi, do inglês para português, quatro autobiografias de emigrantes açorianos: *Um português na corrida ao ouro* (1915), do faialense Charles Peters; *Para trás anda a lagosta* (1980), do picoense Lawrence Oliver; *A porta aberta* (1968), da terceirense Laurinda Andrade; e a minha própria autobiografia, *No fio da vida: uma odisseia açor-americana* (2000), inicialmente publicada em inglês com o título *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey*.

Traduzi estas obras porque achava que era o melhor potencial tradutor delas? Seria um disparate afirmá-lo. Traduzi-as porque, se não fosse eu a traduzi-las, elas permaneceriam, com toda a probabilidade, por traduzir. Traduzi-as porque em Portugal, muito ao contrário do que por vezes parece, poucos (ou quase ninguém) se importam com os emigrantes, a não ser, com algumas exceções, os próprios familiares dos emigrantes. Houve uma época em que Portugal queria, acima de tudo, livrar-se de nós... e que nós fôssemos suficientemente bonzinhos para continuar a enviar as santas remessas, de que Portugal estava muito carente; e que lá fôssemos de visita para manter a economia estimulada. De resto, que nos mantivéssemos lá fora e não invadíssemos a terrinha, como mosca de verão. Exagero? Desagrado? Meus

queridos, já são mais de 60 anos no pelo! Falo rigorosamente a verdade, com uma devida vénia aos muitos portugueses, que felizmente tenho conhecido pela vida adiante, que não são assim.

Enfim, eu, sem falsas modéstias, piamente acredito que todas as traduções que tenho feito de inglês para português talvez resultassem melhores se tivessem sido feitas por alguém em Portugal, com um português instruído e atualizado. Com quase 60 anos de ausência, o meu português - sobretudo devido a eu ter saído da minha terra apenas com a infame 4.ª classe - não pode deixar de ter buracos. Por isso mesmo eu sempre me agarrei, e ainda me agarro, ao meu português - para não o perder. E, nos últimos trinta anos, tenho-me visto em situações com colegas portugueses que insistem em escrever em inglês, em falar inglês - quando nós, deste lado do mar, os que são como eu, insistimos em falar o nosso bem-amado português para o não perdermos, quando "eles" insistem em falar inglês, ao que parece (do nosso ponto de vista) não se importando que o português se perca... Tudo muito complicado.

Traduzir para português, para mim, tem sido um ato de temeridade, pelas razões expostas e a deduzir do exposto, mas por necessidade minha, profissional (sou professor de Português) e emocional (preciso da minha língua materna e da proximidade à minha cultura de origem para me sentir íntegro). De resto, não devo ser eu a pessoa mais indicada para ajuizar da qualidade das minhas traduções, ou se valeu a

pena eu fazê-las, ou se teríamos todos ganhado mais se eu as não tivesse feito.

Para os alunos que queiram aprofundar as questões psicológicas adscritas à tradução, acho que as traduções para a língua ancestral da qual já estamos afastados há muito mais de meio século seria um bom ponto de partida. Deixo aqui esta sugestão.

Uma última coisa quereria que ficasse aqui registada: traduzi as obras que traduzi por amor, unicamente por amor. Não traduziria nunca uma obra de que não gostasse. Não só não me pagaram para traduzir - com a exceção de um pequeno subsídio que recebi pela tradução de *Mau tempo no canal* -, mas de facto gastei dinheiro meu com leituras feitas por outrem, com subsídios pessoais para algumas edições. Nem benefício qualquer resultou, curricularmente falando, dos cerca de dez livros que traduzi. Não só não recebi qualquer incremento salarial pelas traduções que fiz, como um dos meus colegas, linguista, especializado em dialetologia - um dos vários com que me deparei ao longo da minha longa carreira - me disse um dia, quando eu defendia a legitimidade da tradução como uma atividade curricular - que o traduzir era como mudar os móveis daqui para ali ou de um canto do quarto para outro. ■

## Katharine F. Baker

**Q**uem seleciona as obras que traduz? Traduz aquilo que a editora sugere ou escolhe o que pretende traduzir?

“Se uma árvore cai na floresta e ninguém está perto para ouvir ou ver, será que a árvore caiu mesmo?” Quer dizer, não importa o quanto traduza se não conseguir publicá-lo. Mas isso é colocar a carroça à frente dos bois. Para parafrasear o paradoxal “Artigo 22” [*Catch-22*]: não se pode publicar sem uma reputação provada de publicações. Por isso, como publicar pela primeira vez? Idealmente recebe-se da editora ou do autor uma oferta que já inclui um contrato para publicar a obra. Tais foram os casos com os primeiros livros que traduzi, por isso posso atestar que a vida é incontestavelmente mais fácil quando não precisamos encontrar a nossa própria editora.

Acho que é importante traduzir apenas os textos de que se gosta. Estar a traduzir um livro é quase como viver com o autor intermitentemente talvez por mais de um ano - por isso, se não gostar dele, pode ser uma experiência miserável, mas felizmente isso é bem raro. Recuso-me a traduzir textos sobre temas com os quais não estou bem familiarizada, que violam os meus princípios ou me deixem desconfortável (como a

intolerância, a violência, a obscenidade, palavrões excessivos), ou que tratam assuntos dos quais não gosto.

---

*“Estar a traduzir um livro é quase como viver com o autor intermitentemente talvez por mais de um ano – por isso, se não gostar dele, pode ser uma experiência miserável, mas felizmente isso é bem raro.”*

---

Nunca hesito em procurar um cotradutor que tenha a experiência necessária que não possuo. Por exemplo, o meu livro mais recente – a tradução inglesa do romance *Sorriso por dentro da noite* (*Smiling in the Darkness*), de Adelaide Freitas, no qual trabalhei intermitentemente por quase uma década – exigiu uma equipa de quatro tradutores, porque era um texto difícil. Mas finalmente o esforço valeu a pena.

**A** **s suas origens açorianas desempenham um papel importante na sua decisão de traduzir e na sua relação com as duas línguas de trabalho – a portuguesa e a inglesa?**

A minha história é tão atípica que duvido que outra pessoa tenha tido uma experiência remotamente semelhante. Depois de cinco anos longos e árduos de Latim clássico da oitava à décima segunda série de liceu, jurei que não voltaria a estudar nenhum idioma estrangeiro em toda a minha vida. Nunca

mais! Ironicamente, comecei a estudar outra língua já como adulta.

Mas porquê o português? Logo depois da morte do meu viúvo pai, descobri as suas raízes encobertas – portuguesas, especificamente açorianas –, por isso desejei aprender tudo sobre a minha herança roubada, inclusive a língua ancestral. Era apenas minha intenção estudar português suficiente-mente para visitar os Açores, a fim de pesquisar a minha genealogia. Claro que a situação saiu fora do controlo, mas não poderia ficar mais feliz.

Como passei então de genealogista amadora a tradutora profissional? Por uma grande sorte.

## **O** s leitores da literatura de autores açorianos traduzida em inglês são essencialmente luso-descendentes? É para esse leitor que traduz?

Acho que a maioria dos leitores da literatura açoriana traduzida para inglês será luso-descendente. Mas não é um grupo monolítico. Podem ser descendentes da primeira vaga de imigrantes que chegaram aos Estados Unidos da América no século XIX (como os meus próprios antepassados) ou nos inícios do século XX, que são totalmente assimilados cultural e linguisticamente na vida americana. Para eles é necessário de vez em quando que a tradução incorpore brevemente no

texto explicações de certas referências portuguesas que talvez não conheçam.

Outros leitores luso-descendentes pertencem à segunda vaga. Em geral não começaram a chegar aos EUA antes de 1958 (depois foi adotada a Lei sobre os Refugiados [Azorean Refugee Act]), ou ao Canadá depois de 1960. E, mais recentemente, os descendentes deles. Por isso há uma enorme variedade de leitores. Claro que também há leitores não-lusos, por exemplo estudantes, e certos parentes e amigos dos tradutores.

## **Q**uais as principais dificuldades que enfrentou ao traduzir literatura açoriana para um leitor anglófono/ americano?

Para mim é fácil, porque sou anglófona-americana cem por cento, nem sabia nada sobre a minha ascendência portuguesa do lado paterno, muito menos da língua ancestral, antes de já ser adulta. Foi o grande segredo da minha família, que apenas descobri por acaso depois da morte do meu viúvo pai. Em 2000, comecei a estudar o idioma português, e, na primavera de 2002, viajei para os Açores pela primeira vez, onde por sorte vim a conhecer os escritores Álamo Oliveira e Vasco Pereira da Costa. Enquanto lá estava, comprei vários livros do Álamo, e li o seu romance *Já não gosto de chocolates* naquele verão.

Em 2004, visitei a minha nativa Califórnia, onde conheci Diniz Borges em Tulare; por coincidência, os dois íamos assistir às Sanjoaninas em Angra do Heroísmo no mês seguinte. Foi numa noite durante as festas que Diniz, Álamo Oliveira, eu e outros amigos nos reunimos num café no centro. Logo depois, comecei a colaborar com o Diniz na tradução inglesa *I No Longer Like Chocolates*. A minha identidade e experiência americana ajudou-nos no trabalho da tradução. Sei que nunca poderia traduzir o livro por mim mesma, mas a equipa Borges-Baker complementou-se muito bem. E assim nasceu a minha carreira como tradutora.

**Qual o papel da colaboração - com o autor, com outros tradutores, colegas, amigos, familiares, editores - nas suas atividades de tradução até agora?**

É uma grande vantagem da vida moderna poder consultar pessoas espalhadas pelo mundo através de *email* quase instantaneamente com perguntas sobre uma tradução, especialmente se consigo obter esclarecimento do autor (imaginem-se ter de fazer isso por correio tradicional, ou por telefonema de longa distância, como antigamente). Prefiro colaborar com pessoas que conhecem profundamente a língua e a cultura portuguesas. Mas sou capaz de traduzir certas obras por mim mesma, se forem escritas clara e simplesmente.

---

*“É uma grande vantagem da vida moderna poder consultar pessoas espalhadas pelo mundo através de email quase instantaneamente com perguntas sobre uma tradução, especialmente se consigo obter esclarecimento do autor [...].”*

---

**P**ode falar-nos um pouco das condições em que traduz? Habitualmente tem prazos a cumprir, imposições editoriais a ter em consideração? Tem hábitos pessoais específicos quando se dedica à tradução (partes do dia preferidas, espaços onde gosta de trabalhar, materiais e recursos indispensáveis...)?

Cada manhã depois do pequeno-almoço sento-me em frente do computador no meu escritório de casa para começar o dia de trabalho. Primeiro cuido do *email* e leio as notícias *online*, e desligo o telefone para que não me interrompa. Gosto de ouvir música de fundo no rádio, quer *jazz* quer erudita. Trabalho até às 18h em ponto, com pelo menos dois intervalos longos, para almoçar e para descansar. Levanto-me pelo menos uma vez por hora para andar pela casa e fazer alguns exercícios suaves de alongamento. Se não há nada de interessante na televisão depois do jantar, trabalho mais uma ou duas horas.

Claro que os meus recursos de tradução mais valiosos são dicionários. Durante muitos anos utilizei a versão eletrónica do *Dicionário Aurélio século XXI*, mas hoje em dia é mais conveniente simplesmente consultar dicionários *online* para palavras ou expressões – por exemplo, o Priberam, [context.reverso.net](http://context.reverso.net), [dicionarioinformal.com.br](http://dicionarioinformal.com.br) (para coloquialismos e gíria) e [linguee.com](http://linguee.com) (com exemplos em contexto). Também consulto um livro de gramática portuguesa ocasionalmente, se precisar. ■

### **Dominique Faria**

É professora auxiliar na Universidade dos Açores, onde dirige o Mestrado em Tradução e Assessoria Linguística e o Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares. É membro do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, vice-presidente da Associação Portuguesa de Estudos Franceses (APEF) e diretora da revista científica *Carnets*.

Doutorada em Literatura Francesa, tem como áreas privilegiadas de investigação a literatura francesa contemporânea, os estudos de tradução e a literatura insular, sobre as quais tem participado em colóquios, editado volumes científicos e publicado em revistas nacionais e internacionais com arbitragem científica. Foi responsável pela tradução de várias entradas das antologias *Francofonias em diálogo, Dos anos 80 à atualidade* (2022) e *(O)usar a literatura. Um laboratório virtual para a reflexão em saúde* (2019). Mais recentemente colaborou na edição bilingue dos textos de Ferreira de Castro sobre a Córsega (2023).

### **Ana Cristina Correia Gil**

É professora associada da Universidade dos Açores, onde tem lecionado disciplinas nas áreas da cultura portuguesa, jornalismo e língua portuguesa. É investigadora do Centro de Humanidades (CHAM) e colaboradora do Centro de

Investigação Joaquim Veríssimo Serrão. As suas áreas de investigação são a cultura portuguesa, a identidade nacional e os estudos insulares. Organiza e participa regularmente em colóquios e conferências, em Portugal e no estrangeiro, com comunicações sobre autores e temas ligados à cultura portuguesa. Tem também apresentado trabalhos ligados à área das ciências da comunicação. Publicou, em 2015, *A identidade nacional na literatura portuguesa. De Fernão Lopes ao fim do século XIX*. É diretora do *Agora*, projeto editorial da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, publicado mensalmente no jornal *Açoriano oriental*. Em 2014, ganhou o Prémio Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão com o ensaio "Diferentes perspetivas sobre a identidade nacional: o caso português". ■